

Vozes plurais: aprendendo a aprender

MARQUES, Mario Osório. *A aprendizagem tia mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: INIJUÍ, 1995.

Por entender bakhtiniana-
mente a leitura como diálogo, quero
compartilhar com você, leitor desta
resenha, meu processo de leitura do
novo livro de Mario Osório Marques.
No momento mesmo de um primeiro

contato com o livro em si, inicia-se uma leitura exploratória, a partir das pistas editoriais. A própria capa já inicia, em sua diagramação, a ampliação do conceito de aprendizagem buscada pelo autor. Segunda pista: uma bibliografia primorosa diz quem são os seus interlocutores e, complementada pelo índice onomástico, informa a frequência com que cada um dialoga com o autor. Sobressaem, como interlocutores privilegiados: Habermas e Vygotsky (e seus discípulos Luria e Leontinev), Ingram e Guattari. Um terceiro índice, o de temas recorrentes, vai colocar em evidência: aprendizagem, ação comunicativa, singularização do sujeito e linguagem, nessa ordem.

Tal carpintaria do texto já permitiria antecipações do quanto a aprendizagem procede do social, mas, ao mesmo tempo, implica uma *reconstrução autotranscendente*. Mas uma obra é parte da história de seu autor. Portanto, é preciso conferir sua trajetória, desde o seu primeiro título, *Uma comunidade em busca de seu caminho*, publicado em 1962. Outros títulos seus: *Sociologia geral* (1974); *Universidade emergente* (1984); *Conhecimento e educação* (1988); *Pedagogia, a ci-*

ência do educador (1990); *A formação do profissional da educação* (1992); *Conhecimento e modernidade em educação* (1993). Uma trajetória direcionada pela sociologia, mas lastreada pela docência, retoma, amplia e aprofunda questões inerentes à praxis do educador.

Tratar da educação, do conhecimento e da aprendizagem demanda um trabalho transdisciplinar que leva Mario Osório Marques a propor o que experiencia: *um novo paradigma da razão dialógica plural, razão das muitas vozes*. Essa polifonia lhe possibilita verticalizar a discussão em torno da aprendizagem e da educação escolar de qualidade.

No momento em que a qualidade em educação vem sendo mais um nome tomado em vão, de empréstimo e de carona com a onda neoliberal da qualidade total, *torna-se decisivo o que os indivíduos eficazmente aprendem em termos do domínio dos códigos culturais básicos no mundo atual e em termos da competência comunicativa e das capacidades de entenderem os problemas/desafios com que se defrontam, de tomar e implementar decisões e de continuar aprendendo a*

aprender. O autor dá consequência às suas palavras, indagando sobre o que se constitui aprendizagem eficaz, ou ainda, porque, onde e como os alunos aprendem, sob quais determinações sociais, mas também a partir de que motivações internas e estímulos externos.

Colocar a aprendizagem em questão significa buscar sua radicalidade. Osório revisita o humano como ser genérico, definido como *ser que aprende*. A partir de sua inserção cultural, o contínuo de-frontar-se com a realidade desafiadora é, desde logo, intermediado pela ação comunicativa, deflagrando um processo cambiante de socialização/individuação/singularização, em que o humano vai se constituindo sujeito.

Como o ser que aprende, aprende no social, o autor recorre a filósofos, de Sêneca a Habermas, aprofundando o debate, em que se entrecruzam a aprendizagem e a ação comunicativa. Entre o mundo objetivo da natureza, que demanda novas intervenções, e o mundo objetivado da cultura, que acolhe o indivíduo no bojo de suas determinações, se confrontam o instituído e o instituinte. Tensões que dialetizam o sujeito que se singulariza, no

espaço-tempo dos lugares sociais diversos. Aprendizagens que se processam desde a família, passando pelo grupo de iguais e alcançando a esfera de poder do Estado e da sociedade civil.

The yeast but not the jasi, o autor põe em questão a aprendizagem escolarizada. Novamente o cuidado em verticalizar a discussão de um projeto político-pedagógico construído entre dois modelos: o que vem dos gregos e aponta para a cidadania e o que deriva da ascensão da burguesia aponta para a alienação. A discussão da escola concreta vai revelar a não-neutralidade de cada escolha, desde os conteúdos à materialidade da escola ou à sua gestão.

Evidentemente a leitura de um livro demanda leituras subsequentes. Sobretudo porque entendo com Mario Osório que os educadores precisamos ser, ainda e sempre, aprendizes desse processo tão instigante quanto inesgotável: a aprendizagem na mediação de um social em permanente transformação.

Edwiges Zaccur
Universidade Federal Fluminense
(UFF)